

“ENTÃO CHEGAMOS”:
REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NAS PÁGINAS
D’O LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)

Débora de Souza Bueno Mosqueira

Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de
Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados.
deboras.mosqueira@gmail.com

MOSQUEIRA, Débora de Sousa Bueno. “Então chegamos”: representações do feminino nas páginas d’*O Lampion da Esquina* (1978-1981). *albuquerque* – revista de história. vol. 7, n. 13. jan.-jun./2015, p. 25-43.

Resumo: Este artigo tem por objetivo, analisar as representações produzidas sobre a mulher por meio da categoria gênero no jornal *O Lampion da Esquina*, que circulou no Brasil nos anos de 1978 até 1981. Considerado a primeira publicação voltada ao público gay de circulação nacional, desejava a “saída do gueto dos grupos discriminados”, propunha também na sua edição de n. 0 a participação das mulheres. De forma gradativa a participação feminina foi se tornando mais nítida. Compreender a tentativa de construção de um espaço de visibilidade das mulheres juntamente com esta nova forma de falar sobre elas é uma das questões desta pesquisa. Para tanto, deve-se desvendar os interesses d’*O Lampion da Esquina* entendendo que todo jornal obtém sua marca própria que exprime suas posições políticas, econômicas, culturais e sociais.

Palavras-chave: *O Lampion da Esquina*, Representações, Imprensa, Gênero.

Abstract: This article aims at analyzing the representations produced about women, through the gender category in *O Lampion da Esquina* newspaper, which circulated in Brazil, from 1978 to 1981. Considered the first national publication focused on gay public, it wanted “the exit of ghetto from discriminated groups”, and in edition number 0, it also proposed women’s participation. Gradually, women’s participation became more clear. One of the questions of this research is to understand the attempt of building a space of visibility for women together with this new way of talking about them. Therefore, one should uncover the interests of *O Lampion da Esquina* by understanding that every newspaper obtains its own brand, expressing its political, economic, cultural and social positions.

Key-words: *O Lampion da Esquina*, Representations, Press, Gender.



jornal *O Lâmpião da Esquina* (1978-1981) surgiu a partir da visita ao Brasil do editor da revista *Gay Sunshine Press*, localizada na cidade de São Francisco, na Califórnia. Vindo ao Brasil em busca de entrevistas para a composição de antologia da literatura gay latino americana¹, descobriu, assim, a dificuldade em se obter informações sobre este tipo de pesquisa devido à escassez de material sobre a temática no país. Vale ressaltar que a ausência de publicações sobre a temática gay era fruto de uma cultura autoritária, um resquício da ditadura militar, e que somente com o período de redemocratização pelo qual o país vinha passando, foi possível discutir abertamente nos periódicos sobre esse tema.

Entre os entrevistados por Winston Leyland (editor da *Gay Sunshine*), encontravam-se Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan, que seriam respectivamente integrantes do Conselho Editorial do jornal, formado por 11 intelectuais e artistas do período: Adão Costa, Antonio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Pentead, Francisco Bittencourt, Gasparino da Mata, Jean Claude Bernardet, João Antônio Mascaranhas, e Peter Fry. A partir desse grupo, surgiu a proposta de se organizar uma publicação sobre as questões dos grupos minoritários, gays, lésbicas, negros, dentre outros, que não tinham espaço ou mesmo visibilidade na imprensa oficial.

Surgiu um jornal que, motivado pela mesma sociedade de propósitos oposicionistas que os demais, mostrou-se mais questionador da moral vigente, voltando-se para o público homossexual, considerado até então frívolo, apolítico, quando não doente ou decadente.²

¹ Ver mais em RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de Identidade**: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Niterói: EDUFF, 2010.

² MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 71.

Esse jornal recebeu o título de “Lampião da Esquina” e sua edição experimental foi distribuída aos seus “primeiros leitores através de uma mala direta organizada pelos editores e por uma rede de amigos”³; trazia uma tentativa de conscientizar o homossexual a se assumir e para sair das margens da sociedade, do qual estava recluso há décadas, como um sujeito doente, por fugir dos padrões heteronormativos.

Trazia nessa edição um grito de libertação contra todas as amarras que ainda prendiam os gays em seus esconderijos. Era preciso “dizer não ao gueto e, conseqüentemente, sair dele”⁴. Seus ideais iam além, desejavam que todas as classes oprimidas durante longos anos tivessem voz no *Lampião da Esquina*:

Nós pretendemos, também, ir mais longe dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo aos guetos e aos sistemas (disfarçado) de párias. Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar falar da sexualidade do que ela tem de positivo e criador.⁵

Impresso em forma de tablóide, recebia diversas críticas devido a sua diagramação pesada e falta de humor presentes no jornal. Estava dividido em 07 secções: **Opinião, Ensaio, Esquina, Reportagem, Literatura, Tendência e Cartas na Mesa** e, a partir do n.05, é publicada uma nova secção ‘**Bixórdia**’, de fofocas em geral.

³ RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de Identidade**. Op.cit., p. 52.

⁴ CONSELHO EDITORIAL. Saindo do Gueto. **Lampião da Esquina**, São Paulo, abril, 1978. ed. 0. Opinião, p. 2.

⁵ Idem.



LAMPIÃO

Ano 1 — No. 5 — Outubro de 1978 — Cr\$ 15,00

● Leitura para maiores de 18 anos

da esquina

CASSANDRA RIOS AINDA RESISTE

Com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever








NORMAN MAILER e o vilão homossexual



Fans de EMILINHA botam pra quebrar



PASOLINI aconselha: desbloquear tabus

Transexualismo: quem está no banco dos réus?

Violação: um estudo dedicado às mulheres

Nós também temos uma coluna social (p. 12)

Lampião da Esquina, 1978, n. 5.

A seção **Cartas na Mesa** expunha as opiniões dos leitores – cartas enviadas à redação – Essas cartas compunham o quadro diversificado de participantes do jornal e aprimorava uma das características do *Lampião da Esquina*, a abertura para a exposição de ideias divergentes ou não das matérias publicadas.

Uma das primeiras cartas que marcam a presença das mulheres no jornal é da leitora intitulada Rose R. do Rio, que tem sua carta publicada na edição n.º. 02 do jornal, na qual estimula as “Marias Bonitas” a escreverem e a reivindicarem seu direito de participação no *Lampião* já que, segundo ela, o próprio movimento gay sufoca a participação do sujeito mulher no mesmo.

Tenho uma ressalva a fazer: as mulheres estão praticamente alijadas do LAMPIÃO. Esta é a grande falha dos jornais gueis. Ora bolotas, vou acabar encabeçando um movimento e fundando o jornal “Maria Bonita” (será que entre nós já tão vilipendiadas, já existe a tal discriminação?) cujo slogan será “**Menino não entra**”.⁶

Ao responder a essas cartas, o jornal traçava um perfil a partir de denúncias e abusos sofridos pelos homossexuais e estabelecendo diversas alianças com outros segmentos que se identificavam com ele.

O surgimento do *Lampião da Esquina* representa bem o inconformismo diante da repressão e do conservadorismo que abatia sobre uma parcela da sociedade brasileira, e utilizando-se dos periódicos, essa parcela tentava mostrar caminhos alternativos para o difícil período em que vivíamos.⁷

O jornal foi mais do que o primeiro voltado ao público gay, ele tentou esclarecer questões ligadas ao “homossexualismo”⁸, lembrando que abriu espaços significativos para a participação de outros segmentos da sociedade, como as mulheres, o índios, os

⁶ S., Rose. Cartas de “Marias Bonitas”. *Lampião da Esquina*, São Paulo, jun/jul, 1978. n. 2. Correspondências, p. 14.

⁷ RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de Identidade*. Op. cit., p. 69.

⁸Ver mais em SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil Contemporâneo: representações, ambigüidade e paradoxos*. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

negros entre outros. “O jornal – francamente homossexual e tendo nesse público seu principal filão – abria espaço em suas páginas para outras ‘minorias’.

Embora o jornal discutisse majoritariamente os assuntos ligados aos homossexuais, abria espaço também para outros grupos sociais, a exemplo do movimento feminista. Certamente foi o movimento feminista que mais esteve presente, sobretudo pela participação da poetisa Leila Mícolis⁹, figura feminina que mais participou do *Lampião*, deixando-o apenas quando este se desentende com alguns grupos homossexuais, já no seu fim.

Durante seus três anos de existência, publicou diversas matérias ligadas ao feminismo, algumas com suas chamadas nas capas. Discutiam-se as questões do aborto e do estupro, enviando também representantes para cobrirem o I e II Congresso da Mulher Paulista, dos quais muitas reportagens foram escritas por mulheres¹⁰.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 138.

¹⁰ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*. Op. cit.

REPORTAGEM



A quem interessar possa

Apesar de, durante muito tempo, termos apenas uma carta de memória para algum dia mandar ao jornal;

Apesar de, durante muito tempo, termos apenas comprado o também nosso jornal — e tentado divulgá-lo entre os mais próximos;

Apesar de, durante muito tempo, termos adiado o desejo de encontrar algumas mulheres para conversar sobre nós;

Apesar do nosso medo, receio de nos expor. Há pesar de nossa ausência num veículo de discussão, de debate e de circulação de idéias de uma questão sempre restrita às páginas policiais

— ou, quando tratada “seriamente”, sempre etiquetada de secundária.

Por isso, apesar de... nós, um grupo de mulheres homossexuais, conseguirmos arranjar um tempinho (sempre se arranja, né?) para falar e escrever sobre a nossa homossexualidade.

É evidente que a sua (ainda) ausência já se fez sentir. Contudo, acreditamos que você vai se sensibilizar não apenas com o nosso esforço mas principalmente porque vai ter coisas mis a dizer, a discutir e... dará as cartas.

Nós estamos chegando atrasadas no Lampião. Mas...

Nós ^{TAMBÉM} estamos aí

Como você sabe, depois de um ano de existência do jornal, é a primeira vez que viemos dar nossa contribuição. Adiantamos que é brincadeira do seu vizinho, do seu primo ou daquela amiga, dizer que aparecemos porque nós, mulheres, adoramos festinhas de aniversário. Quer dizer, de festa nós gostamos e muito, mas garantimos que não foi por isso. Vamos nos conhecer e você verá.

Nós estamos chegando atrasadas e não é apenas porque o **Lampião** já tem um ano, já anda, fala muita coisa, balbucia outro tanto. Nós estamos atrasados porque existimos, mas sempre abdicamos de existir.

Existimos nos cochichos, nos bochichos, em algum barzinho, em algumas boates, n'alguma cama com algum corpo, nas fantasias e sonehações que, na maioria das vezes, arquivamos desde sempre.

Nós estamos atrasadas porque temos medo, receio, cagaço mesmo de viver o que somos. Porque não construímos o espaço do nosso viver. Porque vivemos na claudestividade. Nós estamos atrasadas, mas não queremos fazer isso virar um **mea culpa**, um muro de lamentações.

Sabemos e conhecemos a existência da repressão. E não falamos apenas daquela do camburão, do cassetete, da bomba de gás. Falamos daquela que está presente nas nossas relações na família, no emprego, com os amigos, na escola. Falamos da repressão que, pelos mais variados mecanismos — meios de comunicação, educação, religião, etc. —, nos diz o que somos ou devemos ser, querer, desejar, na tentativa de nos amoldar. Diz o que é natural, normal, certo, justo e bom para nós mulheres.

Nos diz, ainda, quais são os valores que devem reger nossa conduta, o nosso comportamento, os nossos desejos. Nos diz, enfim, que, para o bem da ordem, é necessário calar, sufocar, sob pena de...

A repressão pespassa todas as esferas do nosso existir. O fato de sermos mulheres homossexuais duplica a repressão. Além de mu-



lher, ser homossexual é muito, né? Quer ver muito mais? Mulher, negra, homossexual. Quer ver mais?

Nós estamos atrasadas porque os valores garantidos pelos esquemas repressivos têm conseguido um desempenho eficaz. Nós estamos atrasadas porque eu, você, aquele ali, aquela outra, nós enfim, também assimilamos essa repressão toda. Nós estamos atrasadas... mas nos propondo, na atualidade e parafraseando Caetano, a — meter o cotovelo e ir abrindo caminho. O tempo passa, mas na raça nós chegamos lá. As coisas têm de mudar...

(Acabamos de ter uma alucinação democrática).

Nós estamos atrasadas, mas ninguém melhor do que nós para lutar contra a opressão a que estamos submetidas. Já temos n'algum lugar: "ninguém melhor do que o oprimido para lutar contra sua opressão".

Assim, pelo que tudo indica, chegamos em momento oportuno. Maio — mês das noivas, mês das mães. Nesse mês de tanta exaltação, nós viemos mostrar a nossa feição pública. Veja se nos sairemos bem em meio a tanta exaltação. Fala-

remos, d'agora em diante, pomposamente.

TUDO POR DIZER

Pela primeira vez na história deste país, um grupo de mulheres se reúne para falar e escrever acerca de sua homossexualidade. Aquelas mulheres sempre esquecidas, negadas e renegadas, exatamente por não se submeterem aos papéis que a sociedade machista impõe como seus papéis naturais, no mês consagrado por essa mesma sociedade à função “sublime” da mulher, pedem a palavra e descem o verbo.

É a primeira vez, sim senhora. Pode procurar em toda a sua memória, pode consultar o que e a quem você quiser.

Os jornais e movimentos feministas, no Brasil nunca tocaram no assunto. A formulação mais avançada das feministas, que está na **Carta dos Direitos de Mulher**, diz que a sexualidade feminina não deve ser vista apenas como a serviço da reprodução. Quer dizer: nos comporta, mas não refresca muito.

Aquela matéria do jornal **Repórter** leva alguém desavisado a acreditar que homossexualismo

feminino é aquilo ali. É uma matéria que reforça toda a ideologia machista (que algumas mulheres, evidentemente, também assumem) ao apresentar a divisão dos papéis sexuais. Sempre tem alguém que quer ser o machão e sempre tem alguém que quer ser a mulherzinha-bonequinha-submissa-dona-de-casachefe de fogão. O que é visível na matéria é a relação de poder; a relação de denominação e subordinação. Reduzir o homossexualismo feminino aquela “amostragem ilustrativa” revela, na melhor das hipóteses, um conhecimento bem superficial do assunto.

Uma questão extremamente importante que não é tocada nem de leve — e diz respeito às relações entre mulheres — é a que se refere a toda uma capacidade inventiva, criativa dessas relações, originada, entre outras coisas, do fato de elas não serem ou estarem institucionalizadas. Nada indica — a não ser a ideologia dominante, que transforma as relações afetivas/amorosas/sexuais em relações de poder, que as mulheres tenham de reproduzir

Na consolidação de um ano, as mulheres tomam conta de algumas publicações do *Lampião da Esquina*, como a reportagem “*Nós também estamos aí*”¹¹ representando o grito de chegada de um grupo de mulheres homossexuais que decide aparecer logo após um ano de existência do jornal. Justificando sua ausência devido ao medo da repressão que as cerca, pautando objetivos a serem discutidos no jornal, como as questões interligadas à homossexualidade feminina, ao orgasmo e à reprodução, algumas das representações femininas que permeiam o jornal.

Considerado ousado para o período, foi um dos periódicos que mais de destacou ao dar espaço para discussões envolvendo grupos oprimidos, como os gays, lésbicas, travestis, mulheres e negros, passou a ser o principal porta-voz desses atores sociais, pois demonstrava realmente suas lutas contra a discriminação.

As representações do feminino nas páginas do *Lampião da Esquina*

A participação das mulheres englobava um ideal proposto já nas primeiras páginas do *Lampião da Esquina*, presente em sua edição n.0 e demonstrada anteriormente. Nessa mesma edição, o próprio conselho editorial tentou justificar a ausência da participação das leitoras femininas no contexto das discussões do jornal,

Mulheres do mundo inteiro... – O editor chefe da Gay Sunshine Press veio ao Brasil coletar dados para “uma antologia de autores homossexuais latino-americanos”. Algumas mulheres escritoras se recusaram a participar da pesquisa. *Lampião da Esquina* justifica a ausência das mulheres alegando que convites não faltam para que estas participem dos debates acerca do feminismo, mas que a discriminação é bem mais complexa independente da orientação sexual.¹²

Logo em seguida, uma leitora intitulada Rose R. do Rio tem sua carta publicada na edição n.º. 02 do jornal, na qual esta estimula as “Marias Bonitas” a escreverem e a reivindicarem seu direito de participação no *Lampião* já que, segundo ela, o próprio movimento gay sufoca a participação do sujeito mulher no mesmo.

¹¹ GRUPO SOMOS. Nós também estamos aí. *Lampião da Esquina*, São Paulo, abril, 1979. n. 10. Reportagem, p. 7-8.

¹²CONSELHO EDITORIAL. *Lampião da Esquina*, São Paulo, abril, 1978. ed. 1.

Tenho uma ressalva a fazer as mulheres estão praticamente alijadas do LAMPIÃO. Esta é a grande falha dos jornais gueis. Ora bolotas, vou acabar encabeçando um movimento e fundando o jornal “Maria Bonita” (será que entre nós já tão vilipendiadas, já existe a tal discriminação?) cujo slogan será “**Menino não entra**”.¹³

Desejando reconstruir o caminho percorrido pelas figuras femininas presentes no *Lampião da Esquina*, identificamos algumas das representações presentes desde a formação do jornal até seu declínio, através do fichamento do jornal sobre todas as matérias, entrevistas, imagens que envolvessem a presença da mulher.

O jornal também se atenta a retratar a vida da mulher negra brasileira da periferia, mãe solteira e empregada doméstica¹⁴. Em contraponto, construindo um perfil típico dos padrões das feministas brasileiras que vão desde a idade-chave de 30 anos, aos aspectos físicos e financeiros alta, bonita de educação e padrões sociais de vida elevados.

Crítica a tentativa de outros jornais de manterem as imagens típicas da mulher como sedutora aos casos de estupro, como acontece com a matéria do *Jornal Brasil* que mostra como atentados sexuais são a rotina de assaltos. Descrevendo as vítimas como sendo “bonitas”, “boa de corpo”, estereótipos típicos das mulheres tratadas como objetos de desejo. Em nenhum momento, o jornal levanta a discussão da relação de poder exercida pelo estuprador; essa matéria simplesmente acentua as diferenças anatômicas e biológicas entre homens e mulheres, tentando educá-las como sujeitos submissos, frágeis e sedutoras.

Ao analisar periódicos como objetos de pesquisa, percebemos a necessidade de conhecer toda a composição dele. Para efetuar essa primeira etapa, foi realizado o trabalho de sistematização e catalogação do *Lampião da Esquina* (1978-1981), pois precisávamos obter informações referentes aos seus conteúdos, seus idealizadores e quais eram suas necessidades de lucro. Objetivamos entender, através das matérias publicadas nas reportagens (que já se destacam na chamada de capa), de que forma esse jornal foi criado por um determinado grupo social e como tentou discutir questões ligadas às mulheres.

¹³ S., Rose. Cartas de “Marias Bonitas”. *Lampião da Esquina*, São Paulo, jun/jul, 1978. n. 2. Correspondências, p. 14.

¹⁴ GONZALES, Lélia. Mulher negra: um retrato. *Lampião da Esquina*, São Paulo, abril, 1979. n. 11. Reportagem, p. 12.

Segundo José Honório Rodrigues¹⁵, a imprensa é considerada uma das “principais fontes de informação histórica”, podendo ser caracterizada como um “mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso”¹⁶. Para que possamos compreender a sua função na sociedade em que esta circula, devemos levar em conta a necessidade de conhecermos todas as estruturas que compõem o jornal pesquisado e seus interesses.

Importância crucial de se inquirir a respeito das fontes de informação de uma dada publicação, sua tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros, aspectos que continuavam negligenciados seja pelos historiadores que recorriam à imprensa, seja pelos que dedicavam a escrever sua História.¹⁷

O trabalho de sistematização e catalogação do periódico presente no decorrer deste artigo sobre o *Lampião da Esquina* (1978-1981) foi o primeiro passo a ser realizado na pesquisa, pois precisávamos obter informações referentes aos seus conteúdos, seus idealizadores e quais eram suas necessidades de lucro. Objetivamos entender, através das matérias publicadas nas reportagens (que já se destacam na chamada de capa), de que forma este jornal criado por um determinado grupo social, tentou discutir sob questões ligadas às mulheres.

Isso talvez se explique pelo fato de que esses assuntos só podiam ganhar visibilidade se fossem discutidos publicamente nos meios midiáticos, pois para Pierre Bourdieu¹⁸, “os mal-estares sociais não têm uma existência visível senão quando se fala deles na mídia, isto é, quando são reconhecidos como tais pelos jornalistas”¹⁹. Aqui o papel do jornalista tenta ser definido, já que são eles que introduzem ao “debate público” os problemas, transformando-os conforme os interesses de cada setor envolvido. Ou seja, é um trabalho de construção que influencia no tratamento dedicado aos

¹⁵ O debate historiográfico acerca da possibilidade de se pensar a imprensa como fonte e ou objeto de pesquisa é amplo, dele podemos citar como Tania Regina de Luca com a obra *História dos, nos e por meio dos periódicos*; Bernardo Kucinski e *A aventura alternativa: o jornalismo de oposição dos anos 70*; Maria Helena Capelato; Dulcília S. Buitoni e sua obra *Mulher de Papel*; Elisabeth Cardoso, *Imprensa feminista brasileira pós-1974* entre outras obras e autores (as).

¹⁶ LUCA Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. Fontes Impressas, p. 113-114.

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 116.

¹⁸ BORDIEU, Pierre (sob direção); com contribuições de A. Accardo... (et. al.). *A Miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 64.

¹⁹ Idem, *ibidem*, p.63.

acontecimentos de acordo com os anseios particulares, de modo que “a mídia age sobre o momento e fabrica coletivamente uma representação social”²⁰.

Ao selecionar as matérias que corresponderam aos nossos objetivos na pesquisa, levamos em consideração que todos os discursos atribuídos no corpo do jornal não são neutros e que criam, assim, representações para demonstrar suas posições perante os lugares sociais, econômicos ou políticos que ocupam através de suas “escolhas” e “condutas”²¹. Essas, por sua vez, são “mecanismos dos quais os grupos impõem ou tentam impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”²².

Ela permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estado e uma posição; por fim as formas institucionalizadas e objetivadas graças às uns “representantes” (instancias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.²³

Comprendemos que estas figuras femininas estavam se inserindo em um ambiente voltado para um público gay masculino com interesses e comportamentos específicos; dessa maneira à participação de novos membros se tornaria algo mais complexo. Uma das justificativas utilizadas pelo jornal a respeito da ausência das mulheres, está na afirmação de que o jornal não desejava escrever sobre as mulheres, pois caso fizessem isso, estariam construindo representações idealizadas pelos homens, já existentes, mas que elas se unissem para debater expondo os resultados dessas discussões.

Uma das primeiras mudanças perceptíveis no *Lampião* está presente na edição 03, na qual o jornal publica na Capa a contratação de 02 mulheres para composição da Redação: Zsu Zsu Vieira que publica um artigo intitulado “*A doença infantil do machismo*”

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 64.

²¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrond, Brasil, 1990.

²² Idem, *ibidem*, p.17.

²³ Idem, *ibidem*, p. 23.

²⁴ e Lúcia Rito que relata experiência de estudante no colégio de freiras Regina Coeli, no qual eram proibidos assuntos ligados ao sexo²⁵. Essa inserção de duas mulheres para compor o editorial demonstra que realmente elas estavam ausentes nas publicações do jornal; no entanto, quando são visibilizadas nessas duas reportagens, aparecem muito mais do que simples personagens, aparecem como donas das discussões e questionadoras da estrutura patriarcal de nossa sociedade brasileira, que tanto nos ambientes privados quanto nos tidos como públicos, silenciavam discursos com temáticas voltados ao corpo, ao prazer e à sexualidade.

Nessa mesma edição, Norma Bengell colabora para a afirmação da participação feminina, depois de ter sua atuação na novela *Dancin Days* vetada, logo após uma discussão com o diretor da novela. A atriz decide não se calar, criticando a representação de certos valores que a mídia tenta passar para as telespectadoras, que segundo ela, circundam comportamentos típicos da burguesia²⁶. Ou seja, sua exposição causa polêmica, pois não aceita ser “marionete” do sistema facilmente manipulável, afirmando que sua personalidade deve ser respeitada e não ignorada, tendo a necessidade de debater suas opiniões, remodelando suas personagens vivenciadas caso essas não lhe agradem.

A atriz critica a forma pela qual a mídia trata as mulheres, principalmente nas novelas destinadas aos horários nobres; todas são moldadas como sonhadoras e ingênuas e quando fogem desses modelos de donzelas, são estereotipadas como bruxas, feiticeiras e vilãs.

²⁴ VIEIRA, Zsu Zsu. A doença infantil do machismo. *Lampião da Esquina*, São Paulo, jul/ago, 1978. n. 3. Opinião, p. 2.

²⁵RITO, Lúcia. Do Regina Coeli às coisas da vida. *Lampião da Esquina*, São Paulo, jul/ago, 1978. n. 3. Opinião, p. 2.

²⁶ CHRYSOSTOMO, Antônio; MASCARENHAS, João Antônio; SILVA, Aguinaldo. Norma Bengell (apaixonada, furiosa, terna, indignada: “eu não quero morrer muda”). *Lampião da Esquina*, São Paulo, jul./ ago., 1978. Reportagem, n. 3, p. 8-9.



NORMA BENGELL
solta
o verbo :
- eu
não
quero
morrer
muda




LAMPIÃO

Ano 1 — Nº 3 — 25 de julho a 25 de agosto de 1978 — Cr\$ 15,00

da esquina

Leitura para maiores de 18 anos

MULHERES NA REDAÇÃO

LÚCIA RITO & ZSU ZSU VIEIRA
MARCELLO MASTROIANNI
& PAUL NEWMAN:
A ARTE DE SER GUEI

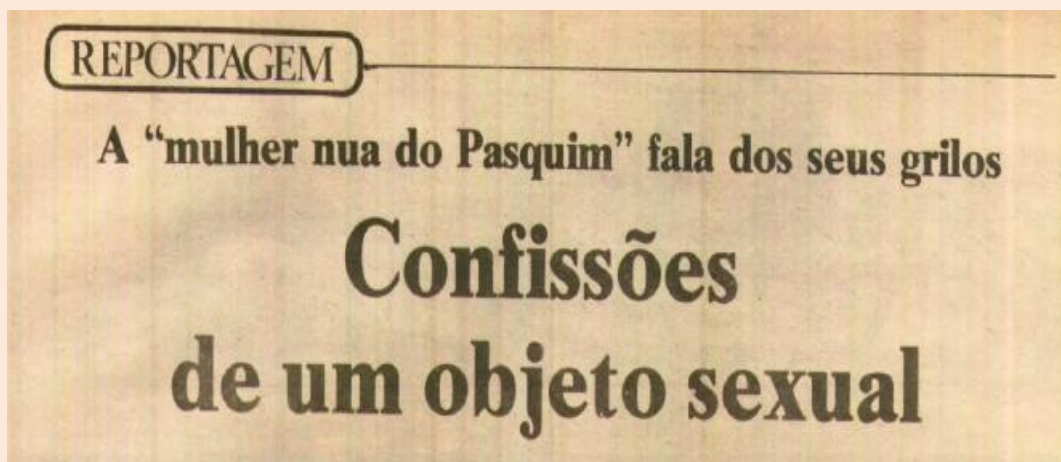
- cartas adoidadas
- um poema de genêt
- florianópolis, my love

- ▶ as senhoras do mangue
- ▶ os marginais do cinemão
- ▶ novas histórias de amor

Lampião da Esquina, 1978, n. 3.

Elaborado em formas de perguntas e respostas, “*Quando as mulheres respondem*”²⁷ também estrutura duas posições femininas relacionadas a algumas temáticas complexas os preconceitos sexuais contra as mulheres. Foram solicitadas para responderem a essa e a outras perguntas, Naomi Vasconcelos²⁸ e Heleieth Saffioti²⁹. Para Naomi Vasconcelos, a partir do momento em que a mulher se determina como um ser humano e não mais o segundo sexo, todos os seus ressentimentos (entre eles o da frigidez) desaparecerão. Já Heleieth Saffioti defende a hipótese de que todas as sociedades competitivas determinam as diferenças entre os fracos que se tornam marginalizadas e os fortes detentores do poder.

Mudando de parâmetros, Lucy Mafra, 23 anos, atriz de contos eróticos, representa uma mulher livre, sem medo de expor seu corpo, e por sua nudez, é vista como um objeto sexual, ficando conhecida como “A mulher que posou nua para *O Pasquim*”. Relata como foi a entrevista com os editores do jornal, afirmando que eles são “um bando de machistas preconceituosos”³⁰. Nessa perspectiva, Lucy simboliza para o *Pasquim* somente o sensual e erótico, não oferece conteúdo. Após essa repressão sofrida não só por ela, mas por todas aquelas que não querem se enquadrar nos padrões de “donzelas”, mas que anseiam dialogar sobre seus “grilos”.



²⁷ MÍCCOLIS, Leila. 1978, n. 4. Quando as mulheres respondem. *Lampião da Esquina*, São Paulo, ago./set., 1978. Esquina, n. 4, p. 8.

²⁸ Sexóloga e autora dos livros *Os dogmatismos Sexuais* e *O comportamento sexual brasileiro*.

²⁹ Professora de Sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara também autora de algumas obras como *A mulher na sociedade de classe: mito e realidade*.

³⁰ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Confissões de um objeto sexual. *Lampião da Esquina*, São Paulo, ago./set., 1978. n. 4. Esquina, p. 8.



Lampião da Esquina, 1978, n. 4.

Cassandra Rios é uma figura bastante presente no *Lampião da Esquina*, já que aparece em mais de uma oportunidade nas páginas do mesmo. Escritora com mais de 36 livros proibidos, relata suas experiências com seres extraterrestres acentuando toda sua personalidade esotérica em uma entrevista na qual comenta a censura cometida contra suas obras, já que fora acusada de “atentado à moral e aos bons costumes”³¹. Seus livros se caracterizam como contos eróticos destinados ao público gay, baseados em ficção ou em discursos sociais.

Lecy Brandão é outra figura que está presente no jornal em diversas ocasiões; em alguns momentos como compositora da Escola de Samba Mangueira, em outros, legitimando-se como “porta voz do povo *guei* brasileiro”³². Mas já quase no fim do *Lampião da Esquina*, Lecy Brandão, denuncia o preconceito racial, depois de ser vítima de preconceito racial juntamente com sua mãe Dona Leci.

³¹ COSTA, Paglia Mirian; AMARAL, Maria Adelaide; PENTEADO, Darcy; Correa, Marisa; TREVISAN, João Silvério. Cassandra Rios Ainda Resiste. *Lampião da Esquina*, São Paulo, out., 1978, n. 5. Reportagem, p.8-10.

³² CHYSÓSTOMO, Antônio & BASTOS, José Fernando. A música popular entendida de dona Lecy Brandão. *Lampião da Esquina*, São Paulo, nov. 1978. Reportagem, n. 6, p. 10-11.



Lecy Brandão com duas acompanhantes, na hora da verdade. José Fernando segura o microfone. Chrysostomo escuta. Lampião da Esquina, 1978, n.6.

Em uma das Cartas na Mesa, a leitora Yonne L. do Rio de Janeiro faz um desabafo à discriminação sofrida pelas mulheres, consideradas tabu para o povo gay, devido à ausência delas nos movimentos de afirmação. Criando representações das lésbicas conforme os estereótipos de machões, não podendo apresentar nenhuma característica feminina³³.

As mulheres lésbicas não são um estereótipo de macho. Pelo contrário, assumo minha feminilidade, (assumimos, na maioria...), grato de mulher, e daí? Porque a necessidade de ver algo relacionado com o homem em meninas que gostam de meninas? Por acaso um homem, para gostar de outro homem, precisa afinar a voz e dar uma de louca?

³³ L., Yonne. Irmã Coragem. *Lampião da Esquina*, São Paulo, fev., 1980. n. 21. Cartas na Mesa, p. 16.

Alguém lhes cobra este comportamento? E quando falo alguém, falo de mulheres, de lésbicas, também.
Sinto, cada vez mais, a necessidade de acabarmos com os preconceitos dentro do homossexualismo.³⁴

Logo após um ano de vida do *Lampião da Esquina*, as mulheres tomam conta da edição de n. 11³⁵, abordando assuntos relativos às questões do corpo como o aborto, assumindo a sua inserção nas discussões políticas relativas aos interesses dos movimentos feministas. O próprio Aguinaldo Silva anuncia a chegada e a permanência delas na reportagem “*Contra o mito do sexo frágil em busca do próprio caminho*”. A edição de n.11 representa a atuação dos movimentos feministas no Brasil na década de 1980, que proporcionou a essas mulheres uma articulação. Inicialmente essa movimentação aconteceu nas camadas médias urbanas de São Paulo e do Rio de Janeiro, expandindo-se para as camadas populares, unindo-se com as organizações de bairros, rompendo com estereótipos de sujeitos frágeis, quando essas personagens ocupam ambientes públicos aos reivindicarem seus direitos.

Considerações finais

O jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), primeira publicação voltada ao público gay de circulação nacional, que desejava dar voz às chamadas “minorias”, propôs, desde a sua primeira edição, a participação das mulheres no jornal. De forma gradativa, a inclusão das mulheres nas discussões foi sendo notada, particularmente, após um ano de circulação do jornal.

Para Eliza B. Casadei, quando o feminismo tentou “realocar” o papel social da mulher, armando trincheiras de resistência contra toda a estrutura patriarcal e, conseqüentemente, contra os sistemas que os alicerçam, produção, reprodução entre outros, este teria dado maior visibilidade para o as fronteiras que delimitavam as especificidades de homens e mulheres.³⁶

³⁴ Idem.

³⁵ HEILBORN, Maria Luiza. Nós mulheres e o nosso corpo. *Lampião da Esquina*, São Paulo, abril, 1979. n. 11. Reportagem, p. 11.

³⁶CASADEI, Eliza Bachega. As questões de redistribuição e reconhecimento na imprensa feminista alternativa: o caso Mulherio. *ALTEJOR*. Ano 1, volume 1, edição 00, agosto-dezembro de 2009, p. 1-19.

Depois desta tentativa de conquistarem um espaço para divulgar suas lutas e reivindicações, sem efetivo sucesso, algumas mulheres que colaboraram com *Lampião da Esquina* decidiram se desvincular, a fim de criar suas próprias publicações.

Essas “experiências dos grupos feministas e de mulheres apontavam cada vez mais para a necessidade de criar um discurso próprio, que fosse capaz de fazer questionamentos e fazer mudanças”³⁷. Essa “recriação da identidade social da mulher” – assim chamada pela autora – só reforçava a necessidade da desvinculação dos estereótipos discriminatórios que circulavam entre alguns setores da imprensa alternativa³⁸. Alguns periódicos surgem com as reivindicações do “novo feminismo”: o primeiro, *Brasil Mulher* (1975-1979), que ganha destaque devido ao seu discurso da igualdade e das lutas pelas causas democráticas, que envolvem homens e mulheres. O *Nós Mulheres* (1976-1978), que se assume como feminista e enfatiza o comportamento com questões específicas das mulheres, a partir das quais desenvolve, ao longo da sua existência, um importante trabalho de base com mulheres de classes populares.

Outro importante projeto que surge a partir das discussões realizadas no *Lampião da Esquina* é de um caso típico, a criação do boletim *ChanacomChana* fundado em 1981, teve edição única sendo incentivado pelo subgrupo LF (*Grupo Lésbico-Feminista*) integrado ao SOMOS/SP. O jornal foi elaborado por uma editora da cidade de São Paulo e tentava construir um discurso através da brincadeira com o próprio nome que segundo as editoras as posicionava sob uma sexualidade desvalorizada.³⁹

Já o segundo, o jornal *Mulherio* (1981-1987), surge a partir do desejo das pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas de criarem um jornal que expusesse as discussões sobre a condição feminina no Brasil. Embora fosse considerado uma publicação bimestral para ser comercializado nas bancas de jornal, objetivava atingir alguns segmentos: os grupos de mulheres e as entidades culturais e acadêmicas. Com quarenta e uma edições, divididas em seis partes, que iam desde a análise de um tema polêmico, resenha de filmes e livros, reportagens sobre a mulher no país e no mundo até a própria divulgação dos novos grupos sociais e suas reivindicações.

³⁷ WOITOWICZ, Karina Janz. Páginas que resistem: A imprensa feminista na luta pelos direitos das mulheres no Brasil. Op. cit., p. 10.

³⁸ Rachel Soihet. Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo. *ArtCultura*, vol. 9, n. 14, jan.-jun. de 2009, p. 39-53.

³⁹ LESSA, Patrícia. Visibilidade e Ação Lesbiana na década de 1980: uma análise a partir do Grupo de Ação Lésbico-Feminista e do Boletim *Chana com chana*. *Revista Gênero*. Niterói, v.8, n.2, p. 301-333, 1 sem., 2008.

Todos os dois periódicos tentavam se desvincular dos partidos políticos aproveitando a nova fase da imprensa brasileira, que desejava falar de mulher sem relacioná-las às páginas de culinárias ou beleza.

Claramente demonstrado na realização do III Congresso da Mulher Paulista realizado em 1981, na PUC/SP, evidenciou-se a divisão de opiniões, já que nas reuniões preparatórias para o evento, devido à imposição do Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), acabou-se por defender “a proibição da entrada de lésbicas no Congresso. Paralelamente o PC do B convocou um outro Congresso na mesma data (7 e 8 de março, de 1981) para tentar esvaziar o evento feminista, e pressionar a dupla militância a se posicionar ao lado do partido”.⁴⁰

Era um momento oportuno para que se promovesse a aglutinação de grupos e núcleos de pesquisa espalhados pelo país, haja vista o tumulto estabelecido no período e a possibilidade clara de desagregação deste importante movimento social. Para tanto, a criação de boletins que se responsabilizassem pela circulação de informações e se mantivesse longe destas disputas políticas se mostrava tarefa necessária.

O *Lampião da Esquina* tornou-se um importante ponto de partida da atuação feminista nos periódicos da imprensa alternativa das décadas de 1970 e 1980, pois conseguiu que as mulheres discutissem, viabilizassem e diluíssem seus escritos, não como personagens mistificadas (incorporadas em outras mídias dos períodos), mas rompendo padrões de comportamento, demonstrando a necessidade de discutir suas sexualidades e condição social.

⁴⁰ CASADEI, Eliza Bachega. Op. cit., p. 10.